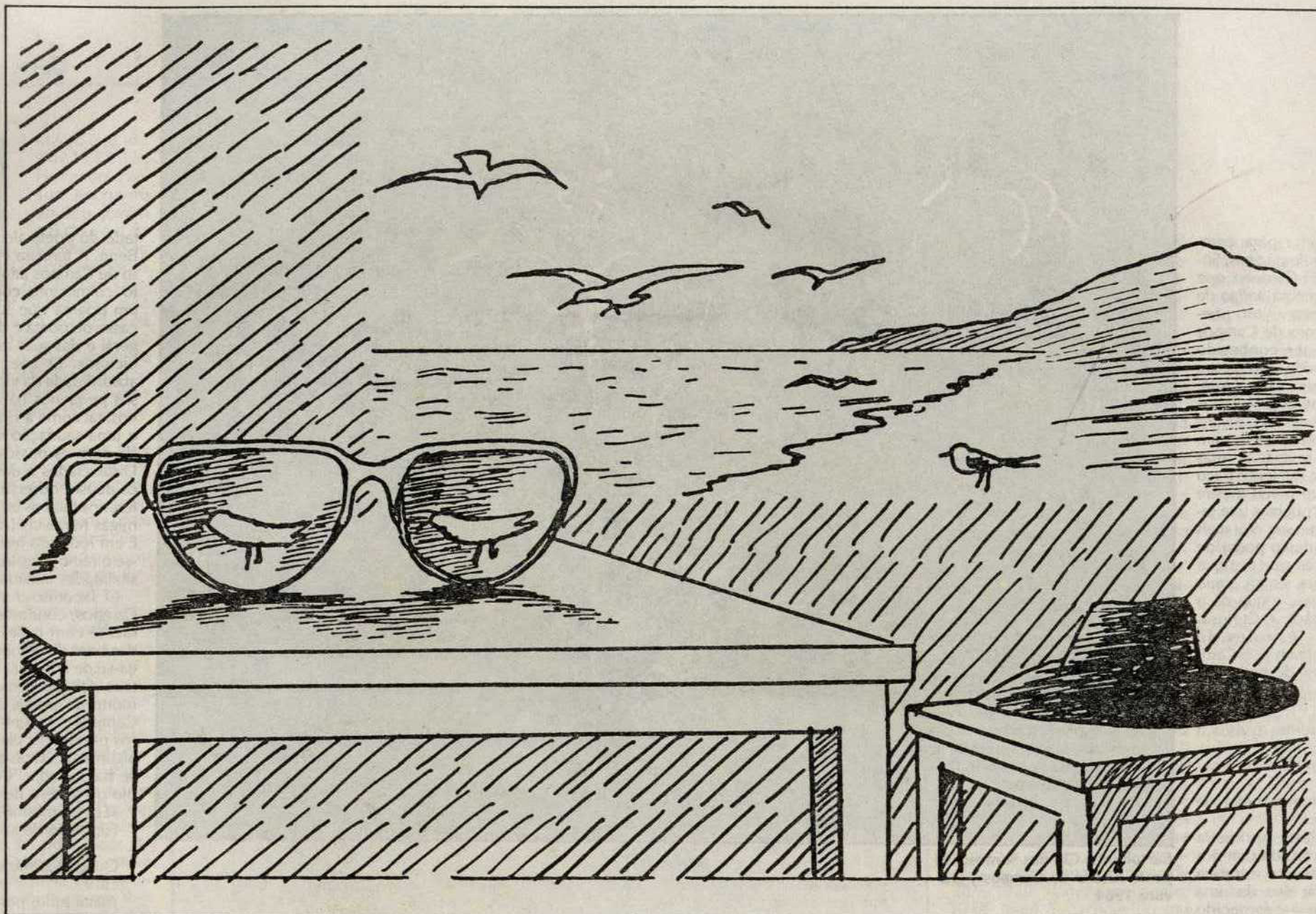




Pessoa, o café, os óculos, o chapéu, o Tejo e as gaivotas — por Costa Pinheiro

António Valdemar

A presença de Lisboa no aniversário do poeta

O Largo de S. Carlos, onde nasceu, Campo de Ourique, onde residiu até às vésperas de falecer, no Hospital de São Luís, são, com o Martinho da Arcada, no Terreiro do Paço, as referências habituais de Fernando Pessoa, na geografia da cidade.

Mas através dos fragmentos do *Livro do Desassossego*, que é, afinal, um «diário ao acaso», ressalta em primeiro plano a Rua dos Douradores. É nesse pequeno mundo da velha baixa pombalina que decorre grande parte da existência de Bernardo Soares, um semi-heterónimo que — recorde-se a carta a Casais Monteiro — «em muitas coisas se parece com Álvaro Campos e aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; (...) um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade».

Pretendo ser uma «autobiografia sem factos» e «histórias sem vida» mostra-nos, contudo, em pormenor, por vezes exaustivo, a identificação total com a cidade, o relacionamento entre ele próprio e os outros. Diálogo ou monólogo entre o amor e a morte, a inércia e a acção, a realidade e o sonho. A vulgaridade e a insónia levam-no à invenção do luar para cobrir as rugas do vazio e o trazo da solidão.

Testemunha o quotidiano obscuro do manga-de-alpaca enclausurado num terceiro an-

dar. De um modo geral o ambiente assemelha-se ao Alves & Companhia que Eça de Queirós também integrou na Rua dos Douradores. A época é diferente, embora as afinidades sejam ainda muitas. Extinguiu-se a Monarquia, veio a República, sucedem-se conflitos e revoluções. Outros tempos, outras vidas, outros problemas.

A Rua dos Douradores

Que faz Fernando Pessoa? Em Março de 1933 escreve numa curta biografia: «A designação mais própria será tradutor, a mais exacta a de correspondente estrangeiro em casas comerciais. O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.»

Politicamente o que é? «Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionário.»

No currículo do empregado de escritório a Rua dos Douradores condensou a actividade exercida em várias firmas. Por exemplo: Moitinho d'Almeida Limitada; Félix, Valadas e Freitas, Lda.; A. Xavier Pinto & C.; Frederico Ferreira & Ávila, Lda.; Anjos e C.; Palhares, Almeida & Sila, Lda.; Toscano & Cruz, Lda.; Companhia Industrial Por-



tugal e Colónias, Lavado, Pinto & Companhia.

Do mesmo modo que o patrão Vasques, o guarda-livros

Moreira, o caixeiro de praça Vieira, o caixa Borges, o moço de fretes António eram outros nomes reais no exercício de ro-

tina. «Vendo bem», afirma Bernardo Soares, «tanto o Cesário Verde como estes foram para a minha visão do mundo coeficientes de correcção.»

Ofélia trabalha com ele em Félix, Valada & Freitas, no 42 da Rua da Assunção. Contudo, o escritório no *Livro do Desassossego* não tem mulheres ao serviço. «Vivo uma era anterior àquela em que vivo: gozo de sentir-me coevo de Cesário Verde e tenho em mim, não outros versos como os dele, mas a substância igual à dos versos que foram dele.»

A égide de Cesário

«Devo ao ser guarda-livros grande parte do que posso sentir e pensar como a negação e a fuga do cargo.» E surge a pergunta inevitável:

«De que me serve citar-me génio se resultado ajudante de guarda-livros? Quando Cesário Verde fez dizer ao médico que era não o senhor Verde empregado no comércio, mas o poeta Cesário Verde, usou de um daqueles verbalismos do orgulho inútil que suam o cheiro da vaidade. O que ele foi sempre, coitado, foi o senhor Verde empregado no comércio. O poeta nasceu depois dele morrer, porque foi depois dele morrer que nasceu a apreciação do poeta.»

Ficava-lhe mais próximo o Martinho da Arcada, mas também se deslocava à Brasileira do Chiado, à Brasileira do Rossio, ao Restaurante Irmãos Unidos, à Cervejaria Jansen (na Rua António Maria Cardoso) e ao Café Montanha, na Rua da Assunção, 74.

Um dos seus restaurantes (que ainda existe hoje) é a Casa Pessoa, na Rua dos Douradores, esquina com a Rua de Santa Justa. Ali costumava celebrar o aniversário natalício, com o amigo Da Cunha Dias. «Há em Lisboa um pequeno número de restaurantes ou casas de pasto que sobre uma loja, com feitiço de taberna decente, se ergue uma sobreloja com feição pesada e caseira de restaurante de vila sem comboios. Nessas sobrelojas, salvo ao domingo pouco frequentadas, é comum encontrarem-se tipos curiosos, caras sem interesse, uma série de àpartes na vida» — refere — Bernardo Soares pensando de certeza na Casa Pessoa.

De casa em casa

Depois do regresso da África do Sul e dos Açores instalou-se definitivamente em Lisboa. Nunca foi ao Algarve, mas escolheu Tavira para o nascimento de Álvaro de Campos. Nunca foi ao Porto mas situou ali as origens de Ricardo Reis. Também desconhecia o Ribatejo, embora colocasse Alberto Caeiro numa quinta da lezíria.

A viagem mais longa foi a Portalegre, quando pretendeu comprar uma tipografia a vapor, para a empresa Ibiz, na Rua da Conceição da Glória. «Oh Lisboa meu lar!», exclama Bernardo Soares.

Durante 30 anos andou pelos mais diversos sítios: na Calçada da Estrela, com a mãe, o padasto e os irmãos; em Pedrouços, com a tia Maria Cunha; na Bela Vista à Lapa, com a avó Dioní-

sia; na Pascoal de Melo, com a tia Anica, até ela partir para a Suíça; na Coelho da Rocha, de 1920 a 1935, com a mãe e os irmãos.

Passou, ainda, por quartos alugados na Rua da Glória, no Largo do Carmo, na Rua D. Estefânia (em casa de uma engomadeira), na Rua Antero do Quental, na Rua Bernardim Ribeiro, na Avenida Gomes Pereira (Benfica), na Rua Cidade da Horta, na Alameda de Santo António dos Capuchos e na Rua Almirante Barroso, num apartamento contíguo à Leitaria Alentejana.

Também a Rua de S. Bento se inscreve no seu roteiro em 1905, no período em que se matriculou no Curso Superior de Letras, e, mais tarde, ao frequentar a casa de Vitoriano Braga — uma tertúlia voltada para as ciências ocultas, os horóscopos, a cabala, as profecias do Bandarra, as visões do Quinto Império.

Por isto se classificava «partidário de um nacionalismo mítico, de onde seja abolida toda a infiltração católica-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema — tudo pela humanidade, nada contra a nação».

Ainda se confessava, por idênticas razões «anticomunista e anti-socialista», mas tendo «sempre na memória o mártir Jacques de Molay, grão-mestre dos Templários», a fim de «combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos — a ignorância, o fanatismo e a tirania».

Recluso na cidade

Não quer sair de Lisboa. Numa das cartas, de 1929, para Ofélia, chega a admitir a hipótese de Cascais. A propósito acentua: «Cascais quer dizer um ponto qualquer fora de Lisboa, mas perto, e pode querer dizer Sintra ou Caxias» (...) «Cheguei à idade em que se tem o pleno domínio das próprias qualidades e a inteligência atingiu a força e a destreza que pode ter.

É pois a ocasião de realizar a minha obra literária, completando umas coisas, agrupando outras, escrevendo outras que estão por escrever. Para realizar essa obra, preciso de sossego e um certo isolamento. Não posso, infelizmente, abandonar os escritórios onde trabalho (não posso, é claro, porque não tenho rendimentos), mas posso, reservando para o serviço desses escritórios dois dias da semana (quartas e sábados), ter de meus e para mim os cinco dias restantes.»

O universo está na Rua dos Douradores. «Debruço-me de uma das janelas da sacada do escritório abandonado ao meio-dia, sobre a rua onde a minha distração sente movimentos de gente nos olhos, e não os vê, da distância da meditação. Durmo sobre os cotovelos onde o corrimão me dói, e sei de nada com um grande prometimento. Os pormenores da rua parada onde muitos andam destacam-se-me com um afastamento mental: os caixotes apinhados na carroça, os sacos à porta do armazém do outro, e, na montra mais afastada da mercearia da esquina, o vislumbre das garrafas daquele



Casa onde nasceu em Lisboa, no Largo de S. Carlos. Ao lado a torre da Igreja dos Mártires, que inspirou o poema «O Sino da Minha Aldeia»...

vinho do Porto que sonho que ninguém pode comprar. Isola-se-me o espírito de metade da matéria. Investigo com a imaginação.»

Além das quatro paredes

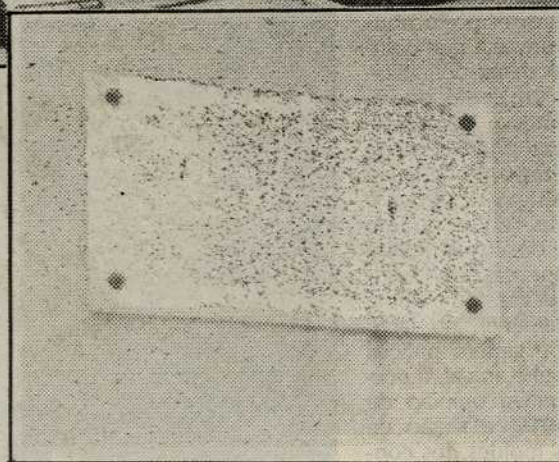
No entanto, Fernando Pessoa, na pele de Bernardo Soares, não se limita às quatro paredes, austeras e burocráticas, do escritório, às ordens do patrão Vasques. Não se agarra, apenas, como tantos outros, às ficções de Júlio Verne e de Sherlock Holmes, o fascinante Conan Doyle, que principiou por seduzir a sua geração.

Aprofunda — ele o diz e bem o sabemos — Shakespeare e Milton e os mais recentes Dickens e Oscar Wilde. Recorre a Goethe e Heine. No caudaloso rio da antiguidade greco-latina, é atraído por Homero, Virgílio e Horácio. Apesar da literatura francesa não ser da sua predileção, apoiar-se em Lamartine

e Chateaubriand, Vítor Hugo e Michelet; faz incursões no simbolismo de Verlaine e Mallarmé, que percorre a fase paúlca do poeta ortónimo. Está atento a Leonine e a Mussoline.

Dos escritores portugueses prende-se a António Vieira, exaltado num poema da *Mensagem*; a Cesário Verde, um dos mestres de Alberto Caeiro e camarada de Bernardo Soares. Vai até clássicos esquecidos como António Pereira de Figueiredo, padre da Congregação do Oratório, colaborador de Pombal, tradutor da Bíblia segundo a Vulgata Latina e um dos heréticos do século XVIII.

Deslumbra-se com o sortilégio oriental de Camilo Pessanha que, nas digressões boémias, de rua em rua ou na mesa do outro Martinho, ouvia recitar ao seu amigo Carlos Amaro. Não gosta de Eça de Queiroz, nega-lhe o sentido da ironia, contudo sente o apelo de Fialho de Almeida ao



transmitir as sombras e claridades de uma Lisboa entre a ternura e o sarcasmo.

Viagem contínua

Procura, à mesa dos cafés e no balcão das tascas, a fuga através do álcool. Viaja nas espirais de fumo de cigarros sobre cigarros. Contempla «o céu de um azul humidamente esbranquiçado» e o «sol pálido», tão lisboeta, que «molha de um aureolar vago essa mole súbita de casas».

Deambula pelas ruas e detém-se no perfil de figuras anónimas: «Há dias em que cada pessoa que encontro, e, ainda

mais, as pessoas habituais do meu convívio forçado e quotidiano, assumem aspectos de símbolos, e, ou isolados ou ligando-se, formam uma escrita profética ou oculta, descritiva em sombras da minha vida. O escritório torna-se-me uma página com palavras de gente; a rua é um livro; as palavras trocadas com os usuais, os desabituais que encontro, são dizeres para que me falta o dicionário, mas não de todo o entendimento.» (...)

«Entendo sem conhecimento, como um cego a que falem de cores.»

«(...) Levo comigo, só de ouvir estas sombras de discurso humano que é, afinal, tudo em que se ocupam a maioria das vidas conscientes, um tédio de nojo, uma angústia de exílio entre aranhas e a consciência súbita do meu amorfamento entre gente real: a condenação de ser vizinho igual, perante o senhorio e o sítio, dos outros inquietos do aglomerado, espreitando com nojo, por entre as grades traseiras do armazém da loja, o lixo alheio que se entulha à chuva no saguão que é a minha vida.»

A paisagem também não o deixa indiferente: «amo, pelas tardes demoradas de Verão, o sossego da cidade baixa e sobretudo aquele sossego que o contraste acentua na parte que o dia mergulha em mais bulício. A Rua do Arsenal, a Rua da Alfândega, o prolongamento das ruas tristes que se alastram para leste, desde que a da Alfândega cessa, toda a linha separada dos cais quedos — tudo isso me conforta de tristeza, se me insiro, por essas tardes, na solidão do seu conjunto.»

Salto para o mundo

No horizonte tem, diariamente, o Tejo, o Cais das Colunas. Evoca na *Ode Marítima* a «atividade comercial de exportação e importação», um «escritório com guichets em rede de arame amarelo» e a convicção de que «as facturas e as cartas comerciais são o princípio da história — e os navios que levam as mercadorias pelo mar eterno são o fim».

Recupera a epopeia, intercala o quotidiano no mito e na história. Álvaro de Campos coincide com a *Mensagem*: «O mar com fim é grego ou romano/o mar sem fim é português.»

Ponto de encontro e desencontro das tristezas e alegrias é sempre a cidade — nos prédios onde morou, nos escritórios onde trabalhava, nas mesas dos cafés, restaurantes e tabernas onde comia e bebia e, até, nos eléctricos que o levavam de casa para o emprego e do emprego para casa. Lisboa foi o grande cais para a nevegação da língua portuguesa, única pátria que tornou Fernando Pessoa cidadão do mundo.

